



CENTRAL DE MÍDIA SH - EDUCOMUNICAÇÃO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO ALEGRE

CENTRAL DE MÍDIA SH – EDUCOMMUNICATION IN A MUNICIPAL ELEMENTARY SCHOOL IN PORTO ALEGRE

José Carlos Ferrari Júnior (Prefeitura Municipal de Porto Alegre-SMED – zecaferrari@hotmail.com)
Kelly Silva Fernandes (Prefeitura Municipal de Porto Alegre-SMED- kellyletrasufrgs@gmail.com)

Resumo

Atualmente a escola se insere em uma sociedade na qual diferentes mídias tem, cada vez mais, presença garantida em nosso dia-dia. Nossos alunos, nascidos neste contexto, precisam saber agir e refletir dentro deste contexto da sociedade da informação. Algumas escolas, percebendo tal cenário, possuem iniciativas no sentido de despertar a criticidade dos alunos frente a este contexto. O Projeto Central de Mídia SH é uma dessas iniciativas que ao se desenvolver em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Porto Alegre fez com que alunos produzissem textos escritos, áudios e vídeos para jornal, blog, rádio e televisão online, sob uma perspectiva de Educomunicação, visando à formação de cidadãos não passivos frente as mídias de massa. Partindo dos interesses dos alunos, a Central de Mídia SH utilizou-se das tecnologias disponíveis na escola e das que os alunos disponibilizavam. O resultado obtido com os alunos aponta para maior autonomia, desenvolvimento de novas linguagens e habilidades sociais, senso crítico e posturas efetivas de cooperação e publicização de suas produções.

Palavras Chaves: Educomunicação, Central de Mídia SH, Escola Municipal.

Abstract

Nowadays the school is inserted in a society whose media has its presence secured in our daily routine. Our students, born in this context, need learn how to acting against this information's society. Some schools, realizing such a scenario, have initiative to awake the students criticity face of this context. "Central de Mídia SH" is one of the projects that occurs in a Municipal School from Porto Alegre, where the students make smal texts, audio and videos for newspaper, blog, radio and online TV, in a educommunicative proposal, intending the citizens education in face of the massa medias. Beginning from students interests, "Central de Mídias SH" use technologies available in te school that themselves possess. The result is that the students become independent, improve their language, social abilities, sense of cooperation and can learn by doing the range of their productions.

Keywords: Educommunication, Central de Mídia SH, Municipal School





1 - Introdução

Constantemente, nosso dia a dia vem sendo intermediado por diferentes e inúmeros meios de comunicação sejam dos mais tradicionais, jornal impresso, o rádio e a televisão, ou pelo os mais contemporâneos e tecnológicos como Internet, celulares, tablets etc.

Especificamente, no que se refere ao mundo tecnológico da informação nossos alunos já estão inseridos em maior ou menor escala, contudo não, necessariamente, com um desenvolvimento autônomo ou crítico frente a esta realidade.

Dentro deste contexto, a escola possui uma grande oportunidade de investir na formação desse aluno enquanto usuário e receptor dessa informação e, até mesmo, como autores de materiais midiáticos.

Nesse trabalho, relatamos uma iniciativa nesse sentido que ocorre desde 2012 na EMEF Sant' Hilaire – Porto Alegre-RS, com suas superações e percalços, analisando, especificamente, o ano de 2015, visto ser o ano em que o mesmo se tornou um Projeto do Programa Cidade Escola.

Assim, o artigo tem como objetivo apresentar e discutir os conceitos que permeiam a prática pedagógica da Central de Mídia SH, a metodologia utilizada para a sua realização deste projeto e resultados da execução do mesmo.

2 . Conceito de Educomunicação

No que se refere ao estudo do campo da comunicação e uso de Mídias¹ na Educação, há uma séria ausência de reflexões sobre os temas, bem como equívocos preocupantes² quanto a compreensão dos aspectos técnicos, sociais e ideológicos que os cercam

Portanto achamos importante esclarecer o que venha ser Educomunicação, visto ser o conceito que pauta toda a prática pedagógica da Central de Mídia SH.

2.1.1. Educomunicação

O termo Educomunicação tem a sua origem nos estudos e reflexões sobre comunicação e educação do argentino Mario Kaplún (1923-1998), jornalista, professor e radialista que em meados dos anos 1960 chamaria de Educomunicadores as pessoas que praticavam jornalismo comunitário.

Inicialmente as reflexões concentravam-se no problema da recepção da produção midiática em tempos de Ditadura Militar na América Latina, ou seja, a análise se concentrava as informações daquele contexto com um viés fora do eixo “oficial” midiático vigente.

¹ Etimologicamente, a palavra Mídias é um neologismo, tendo sua origem na palavra Mídia que vem do Latim *media* (meios) que seria o plural de *medium* (meio). No Brasil o seu uso foi adotado a partir do final da década de 1960, através da pronuncia inglesa de *media* (mídia) no sentido de ficar mais próximo da pronúncia e a escrita da língua portuguesa. Para saber mais BELLONI (2010).

² Devemos reconhecer que há uma falta grave na formação dos professores no que se refere a discussão e sistematização de conceitos, às questões metodológicas, científicas e etimológicas envolvendo outras áreas do conhecimento, como é o caso da Educomunicação.





Segundo Kaplún (1998) o educador não necessariamente teria que ser um diplomado ou estudioso da área mas sim ter empatia em lidar com aqueles que estabelecemos comunicação.

O termo “educadores” aparece sem destaque no livro UNA PEDAGOGIA DE LA COMUNICACIÓN (1998, p. 88 e outras). Esse livro é uma atualização de EL COMUNICADOR POPULAR (1985). Em ambos Kaplún descreve esse ator social (o educador) detalhando sua atuação, ao qual no livro mais antigo é chamado de “facilitador” [...] Claro está que Kaplún não inventou o educador. Talvez tenha inventado o neologismo. (NEPOMUCEMO, 2012, p. 02)

Em consequência do uso do termo Educador, cunhado por Kaplún, o campo de estudo logo chamaria Educomunicação, fazendo com que Kaplún, baseado nas ideias de educação libertadora de Paulo Freire, começasse a colocar em prática suas ideias através das rádios comunitárias, ligadas aos movimentos sociais urbanos e ambientais, promovendo discussões críticas dos meios de comunicação e do comportamento da mesma.

Nos anos de 1990 as práticas de Educomunicação se destacam a partir das mudanças tecnológicas em curso, da disseminação da informação em rede e abertura democrática, fazendo com que grupos populares apropriem-se das inúmeras possibilidades comunicativas e educativas dispostas.

No Brasil o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da USP – Universidade de São Paulo, pensaria sobre o tema tratando-o como:

Expressão que não apenas indica a existência de uma nova área que trabalha na interface comunicação e educação, mas também sinaliza para uma circunstância histórica, segundo a qual os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação se fazem considerando o papel de centralidade da comunicação [...] (CITELLI, p. 07,2011)

Neste contexto, ficaria claro que a Educomunicação trabalharia com a educação formal ou informal dentro do ecossistema comunicativo, tese já defendida por Paulo Freire (1978), tendo os processos comunicativos à guisa para o agir pedagógico, tornando esse uma relação estratégica no processo educativo, que vai para além do uso das TIC's³ e produção de Mídias, ou seja não se resume apenas a supostos usos instrumentais da Comunicação Tecnológica-Informacional.

3. E o Currículo, como dialogar com a Educomunicação?

Pensar um Currículo democrático, crítico, valorizador de diferenças étnicas e de gênero e que proporcione a discussão do uso de tecnologias e mídias mediatizadoras⁴ da

³ Outro conceito importante e que gera dúvidas é o conceito TIC's que, na verdade, envolvem a aquisição, armazenamento, processamento e a distribuição de informação por meios eletrônicos e digitais (rádio, televisão, telefone e computadores etc), ou seja, é “o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas” (BELLONI, 2010, p. 21).

⁴Mediatizar significa codificar as mensagens pedagógicas traduzindo-as sob diversas formas, segundo meio técnico escolhido.





produção do conhecimento, potencializando formas diferenciadas de discursos e entendimento da realidade e atendendo as demandas de nossos alunos; no caso brasileiro, definitivamente, é um grande e recente desafio.

Em Porto Alegre tais discussões ganhariam força, maior sistematização e participação da sociedade a partir da década 1990, materializando-se no chamado Caderno 9, documento das propostas pedagógicas para a Rede Municipal de Ensino Fundamental, que entenderia o papel do Currículo da seguinte forma:

[...] o currículo de uma escola se expressa através de um conjunto de atividades que, de maneira direta ou indireta, interfere no processo de criação, produção, transmissão e assimilação do conhecimento. Nessa perspectiva o currículo é pensado em seu sentido mais abrangente, o qual insere as atividades teórico-práticas presentes na vida escolar e o processo de desenvolvimento da aprendizagem, dentro e fora do espaço restrito da escola; portanto, não cabe pensar nas vivências escolares e extra-escolares como experiências dissociadas e até mesmo antagônicas. (PORTO ALEGRE, 1998, p.10).

Sobre o papel das tecnologias no processo de aprendizagem, a constar nos Planos Políticos Pedagógicos- PPP's das Escolas, o mesmo orientaria que essa relação se desse

[...] como uma forma da utilização da tecnologia, para potencializar os trabalhos de sala de aula e não como aula de informática, pois é inquestionável a necessidade que todos temos, hoje, de saber utilizar este conteúdo como instrumento de leitura e representação de mundo, bem como instrumentalizando os alunos para isso. (PORTO ALEGRE, 1998, p.63).

Contudo, mesmo o Caderno 9 apontando para uma construção de Escola mais arejada, muitos dos PPP's das escolas municipais não primaram por uma proposta pedagógica que valorizasse a autonomia do aluno, questões étnicas e de gêneros e, ainda, uma relação não instrumental entre tecnologias da informação e processo de aprendizagem.

Especificamente, em relação ao nosso objeto de estudo e ao lugar a que ele se aplica, EMEF Sant' Hiliare, esses problemas foram identificados no seu Plano Político Pedagógico.

Analisando o mesmo, JÚNIOR (2013) demonstraria que o uso das Mídias na prática pedagógica dos professores foi abordado sob o viés de diagnóstico caracterizando-as sob aspectos negativos de alienação. E pior, não propôs nenhuma sistematização clara ou discussões propositivas e construtivas para uso das mesmas.

A ação da mídia exerce influência sobre as pessoas mais do que qualquer outro instrumento de poder social, promovendo a alienação massiva das pessoas. O uso das novas linguagens tecnológicas de forma desenvolver a percepção e inteligência, colabora para formação de uma consciência coletiva que promova responsabilidade social. (Plano Político Pedagógico - E.M.E.F. Saint Hilaire (2010) apud JÚNIOR (2013, p. 46))

O autor mostra, ainda, que na explanação das ações de Projetos, como Robótica, Rádio e a Jornal SH, que a discussão parece ser um pouco mais sistematizada, porém sem conexões pedagógicas entre os mesmos, com o PPP ou com alguma Área do Conhecimento.





Percebe-se que tal situação acima descrita só vem reafirmar a falta de clareza que temos em relação de como o tema em questão poderia dialogar com nossos Currículos, seja em relação aos seus conceitos, práticas pedagógicas e metodologias que o envolvem.

Então o que fazer, ou melhor, o que deve ou não constar nos Planos Políticos Pedagógicos, Currículo da Escola ou Plano de Ação Docente? Tudo isso TIC's, Mídias, Comunicação etc. são conteúdos de qual(is) disciplina(s) mesmo? E a Educomunicação é uma nova disciplina?

Educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade. Não pode ser reduzida a um capítulo da didática, confundida com mera aplicação das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) no ensino. (SOARES, p. 12)

Promover tais reflexões é, sem dúvida, reconhecer que a escola não é mais a única a produzir saber(es), e que com a “[...] abertura dada pela perspectiva transdisciplinar, dentro do paradigma emergente da educação, há espaço para se tratar questões que no passado ficavam de fora da proposta Curricular [...]” (VASCONCELLOS, 2009, p. 165).

Entende-se que o possível papel que a Educomunicação TIC's, Novas e Antigas Mídias⁵ devam desempenhar nos Currículos escolares, aponta para além da lógica do uso instrumental, ou seja, para além da concepção de apêndices pedagógicos de luxo (MARTÍN-BARBERO, 2011), e conceba-as como contribuintes e mediadoras fundamentais do processo de aprendizagem do dia-dia de nossos alunos.

Certamente, projetos educacionais representam essa realidade e serão fundamentais para potencializar novas formas de aprendizagens e comunicações para os alunos, auxiliando-os nos questionamentos e reflexões sobre aspectos ideológicos, econômicos, culturais, de gêneros, estéticos, éticos, étnicos que envolvem as relações sociais, as instituições sociais, Escola, família, igreja e as próprias diferentes Mídias.

4. A História da Central de Mídia SH

Desde o ano de 2010 a EMEF Saint Hilaire possui, seja atividades em sala de aula ou em turno inverso, iniciativas pedagógicas ligadas a produção de Mídias, cujo uso foi naturalmente se direcionando para a área da Educomunicação.

Desde então, a instituição já foi palco de trabalhos com rádio, robótica, audiovisual, jornal escolar, redes sociais e blog, sendo em sua maioria atividades, iniciativas isoladas dos professores de Filosofia, Língua Portuguesa, História, Artes Visuais⁶ e Monitores do Programa Mais Educação.

⁵Por Antigas Mídias entende-se mídias de massa da imprensa (jornais, livros, revistas, etc.) e Novas Mídias entende-se mídias digitais (internet, computadores, celulares, videogames etc.) entendendo, indubitavelmente, que as últimas revolucionaram as formas ‘tradicionais’ de se comunicar, estudar e conhecer outros lugares no mundo, produzindo informações em tempo real e velocidade considerável.

⁶ Em sua pesquisa JÚNIOR (2013) ressalta que estas experiências são de professores que as Mídias pouco fizeram parte da sua Licenciatura, mas que estão presentes em suas práticas pedagógicas e, por isso, conhecem conceitos de Mídia-Educação, Educomunicação e TIC's. Isso mostra o gabarito dos profissionais da Rede Municipal de Porto Alegre, visto que mesmo com as limitações de formação nas Licenciaturas e na Gestão de Escola, quanto a disponibilização de horários, espaços, materiais etc., os mesmos conseguiram ampliar o escopo teórico e prático, qualificando suas práticas pedagógicas, fato não identificado em outros





Certamente, foi a partir do ano de 2012 que atividades como Cine Toxic SH, a Rádio SH Sonora, de responsabilidade do Prof. J, e a criação do Jornal SH, por parte da Professora K., iriam se relacionar mais sistematicamente com os conceitos de Educomunicação.

Aos poucos essas Mídias convergiram para uma centralização em um Blog, em 2012, denominado Central de Mídia SH se tornando uma forma de interligar esses projetos preexistentes, que eram independentes. Publicizando as atividades pedagógicas da escola, bem como, principalmente, as atividades pedagógicas que envolviam as diferentes Mídias, o Blog Central de Mídia SH se consolidaria.

Percebendo o potencial que tanto o Jornal SH e a Rádio SH Sonora vinham demonstrando no cotidiano escolar, no ano de 2014, a Professora K – Língua Portuguesa e a Professora D – Coordenação Cultural, sistematizaram uma proposta de unificar em um só local quatro veículos midiáticos que seriam o jornal, rádio, tv e blog, para que os alunos da escola publicassem suas notícias elaboradas por eles.

Nascia, assim, a Central de Mídia SH, a partir, dos já existentes, Jornal SH, a Rádio SH Sonora e Blog Central de Mídia SH e, o novo veículo midiáticos criado, o canal – Saint TV.

No ano de 2015 a Central de Mídia SH foi aprovada como um Projeto dentro da perspectiva de Turmas de Integralização, não se limitando a divulgação de atividades pedagógicas que envolvessem Mídias em um Blog, teria, agora, como principal objetivo desenvolver as atividades de rádio, vídeo, jornal e blog.

4.1. Metodologia

A Central de Mídia SH foi aprovada como Projeto de turno inverso, dentro do Programa de Integralização da SMED, chamado Cidade Escola, prevendo as oficinas às segundas-feiras e quartas-feiras pela manhã.

Os assuntos são variados, partindo desde os registros fotográficos ou de áudios de atividades curriculares cotidianas, como apresentação de trabalhos ou saídas pedagógicas, que ocorrem nas diferentes áreas do conhecimento, passando por assuntos pautados dentro do Projeto da Central de Mídia SH, vídeos/filmes/curtas sobre diferentes assuntos, chegando até a promover discussões/informações de utilidade pública do bairro onde moram.

A seleção priorizou a inscrição de alunos dos quatros anos finais do Ensino Fundamental, deixando a seleção dos participantes a cargo da própria responsabilidade e vontade dos mesmos, ou seja, ficaria na Oficina quem realmente estivesse interessado.

Inicialmente o grupo possuía cerca de 20 alunos, sendo, posteriormente, dividido em duas turmas tendo cada uma um encontro semanal, o que demonstraria ser o mais adequado para desenvolver o trabalho, dado que a perspectiva dialógica exigia uma interação maior, necessitando que se ouvisse o outro e que se expresse sua opinião.

As Oficinas começaram no final do mês de março/2015, com apresentação do histórico do projeto e elaboração de um regulamento para a Central de Mídia SH, que ficaria nos arquivos do grupo fechado no Facebook para consulta dos participantes. O texto do regulamento foi feito em conjunto, enquanto uns alunos iam digitando o mesmo os outros, através de um telão, acompanhavam e opinavam sobre os conteúdos a serem trabalhados e a forma como iriam utiliza-los nos trabalhos.

professores entrevistados na mesma escola.





Determinou-se que todos deviam, sempre, levar uma notícia para apresentar aos colegas e a obrigatoriedade de leitura corrente de um livro ao longo de um ano, sendo substituído assim que terminassem de ler.

Além do grupo fechado no Facebook, os alunos sugeriram a criação de um grupo de WhatsApp, ideia colocada imediatamente em prática, adicionando professora e os colegas. A comunicação nos dois canais foi constante e eles demonstraram entusiasmo em participar, pedindo ajuda na realização das atividades e conversando uns com os outros a todo momento no sentido de criar proposição de atividades para a Oficina.

Dentre as metodologias utilizadas para execução dos encontros, houve:

- a organização e formação de grupos para execução do trabalho, visto que a prática de cooperação foi fundamental na realização dos mesmos;
- realização de diferentes atividades para produção de diferentes mídias;
- realização de pesquisas em livros, internet e jornais;
- análises detalhadas sobre diagramação, a forma do uso de fotos e gráficos nos Jornais Zero Hora, O Sul, Correio do Povo e Diário Gaúcho.
- realização de entrevistas com professores, alunos e comunidade escolar;
- realização de um portfólio, com registros das atividades realizadas no dia,
- utilização de diferentes Tecnologias da Informação como celulares, máquinas fotográficas e tablets para registro de imagens e áudio;

5 – Resultados

5.1 Saint TV

As primeiras atividades realizadas de produção de vídeos sob uma perspectiva de Educomunicação foram em 2012, com os vídeos elaborados sobre diferentes histórias. Para sua divulgação iriam criar um canal de publicação no Youtube denominado Cine Toxic SH. Porém, todo o trabalho teve um caráter de certa forma experimental e provocativo no sentido de tais práticas se tornarem ferramenta pedagógica importante na escola.

A partir de meados de 2014, já com a inicialização do Projeto Central de Mídia SH, cria-se a Saint TV, um canal no Youtube, que publicaria vídeos/filmes, inspirados nas demandas dos alunos participantes da Central de Mídia SH, com temas interessantes como o Vandalismo na Escola.

Em 2015, as atividades se qualificariam e no início das atividades da Central de Mídia SH, inspirada na temática do concurso do Festival de Curtas Arte Movie, propôs-se a produzir vídeos entre trinta segundos e um minuto, com ou sem edição, dentro de uma gama de temas, tendo como tema central O Uso da Internet de Maneira Responsável. Foram produzidos, ainda, filmes tratando sobre as temáticas Lenda Urbana e Violência Escolar.

Foi um grande desafio, visto que o roteiro, cenário, figurino, maquiagem etc., ou seja, muitas das coisas que envolvem a produção de filmes, ficou de responsabilidade de planejamento e execução dos alunos.

O registro dos vídeos se deu através de câmeras fotográficas com função filmadora e pelos celulares dos alunos, que sozinhos ou em dupla, fizeram áudios, fotos e vídeos.





Além disso, a Saint TV divulgaria vídeos de trabalhos de outros professores, como o vídeo da Área do Conhecimento de Ciências intitulado: *Visões dos alunos, dos anos iniciais, do ciclo de formação sobre a influência da mídia nas suas vidas*.

Isso foi bem interessante pois o canal Saint TV passou a ser um meio de divulgação não só dos trabalhos dos professores, mas também de discussões sobre o papel da mídia.

5.2 Jornal SH

A origem do Jornal SH se deu através de demanda vinda dos alunos em 2012. Questionada sobre a possibilidade da implantação de um jornal dos alunos na escola, a Professora K, - Língua Portuguesa, iria se organizar para que o mesmo pudesse começar a circular pela escola.

Havia inúmeras limitações quanto ao tempo e espaço para troca de ideias entre o grupo que começava a gestar o jornal. A solução foi a criação de um grupo fechado na rede social Facebook, onde alunos e professores podiam se encontrar virtualmente e trocar informações e materiais.

Ao longo do ano os alunos produziam entrevistas, notícias, textos de opinião, editoriais, tirinhas e enviavam seus textos via grupo fechado para a revisão pela professora de português. Após revisados, os textos eram baixados por alunos responsáveis pela diagramação do material, feita utilizando o software livre Scribus. Com as páginas montadas, o jornal era impresso na escola, em folhas A4 comuns e dobradas ao meio. Os exemplares impressos eram vendidos pelo preço de custo, simbólico (R\$ 0,25), para pagar as cópias. O periódico foi publicado mensalmente de julho a dezembro de 2012

Os alunos iam, aos poucos, percebendo que suas palavras podiam alcançar a realidade e que, com elas, podiam intervir no mundo que os cercava.

Os jovens participantes desses projetos apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura, através do uso dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade local. Eles se abrem para a compreensão crítica da realidade social e ampliam seu interesse em participar da construção de uma sociedade mais justa, confirmando sua vocação pela opção democrática da vida em sociedade. Tudo isso porque a participação os levou a maior conhecimento e a maior interesse pela comunidade local, inspirando ações coletivas de caráter educacional. (SOARES, p.27)

Nossa intenção, lançando esse veículo de comunicação, era possibilitar aos alunos um uso social da linguagem e do conhecimento escolar bem próximo ao mundo real, ao mesmo tempo em que se oferecia um espaço para se expressarem e uma valorização da sua participação e de sua cultura.

No ano de 2013, a professora K, responsável pelo o Jornal, explicaria que por diferentes motivos o Jornal não seria reeditado.

Este ano foi muito conturbado pois não tive horários específicos para realizar esta atividade então ficou muito nos momentos livres que tinha. Além disso, a escola também não liberou horários para a realização desta atividade. A formatação do jornal foi feita toda pelos alunos, usando programas que encontramos na internet. Foi tudo muito por iniciativa nossa. (Professora K, Língua Portuguesa, 2013)





Em 2014 retomou-se a produção do Jornal SH que a partir de então também seria publicado em versão PDF no Blog da Central de Mídia SH.

Em 2015 já dentro da concepção do Projeto Central de Mídia SH, o Jornal SH começaria a ter uma mais criteriosa.

Inicialmente, e ao longo do processo da escrita do jornal, foram feitas análises mais profunda dos textos de jornais impressos, diagramação, tabelas, fontes, recursos gráficos etc., para construção dos diferentes números. Para tanto, os alunos individualmente ou em dupla liam uma reportagem de página inteira e, em seguida, discutiam as informações do texto e o uso de recursos utilizados no mesmo. Foi uma experiência bem interessante, pois alguns reconheceram que praticamente não tinham contato com jornal impresso, em casa, enquanto manuseavam os exemplares de Zero Hora, Diário Gaúcho, O Sul e Correio do Povo e outros já demonstravam a exercer uma leitura crítica da mídia.

A definição de assuntos e responsáveis por cada um deles, foram sendo organizadas através de parcerias em torno de interesses/temas comuns, começando o planejamento das entrevistas e registros fotográficos, definindo quem deveriam entrevistar de acordo com o tema que gostariam de tratar em seu texto no jornal; a forma que deveriam chegar nas turmas, como seria a conversa com as pessoas entrevistadas e outras situações correlatas. Nesse momento eles puderam pensar melhor no modo de falar, na polidez e desenvoltura.

Os temas escolhidos eram, naturalmente, interdisciplinares, em vista de que saíam da vivência deles e não da divisão-padrão em matérias da escola; no entanto, eles percebiam com que matérias poderiam ser relacionados e demonstravam vontade de contribuir com a escola, na medida que os temas iam surgindo, como vandalismo, convocando a comunidade para um mutirão de melhorias na escola.

O processo foi bem interessante, chegando ao ponto de um grupo de alunas de turmas diferentes, uma de C20 (oitavo ano) e outra de B30 (sexto ano), fazer uma experiência nas duas turmas, para ver como os colegas reagiriam se jogassem lixo no chão ou se juntassem o lixo dos colegas. A experiência foi filmada e, conforme planejamento, apresentada aos colegas.

No âmbito transdisciplinar, propondo que os educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação das condições de vida à sua volta, mediante projetos educacionais legitimados por criatividade e coerência epistemológica. (SOARES, 2012, p. 18-19)

No processo de escrita, por vezes se teve a retextualização das informações colhidas em entrevistas escritas, áudios e vídeos a fim de redigir os textos que iriam compor o jornal. Na sala de informática, cada um dos alunos utilizou o Gmail para acessar um documento único, salvo na nuvem, no qual podiam escrever, inserir imagens e manter contato ao vivo pelo bate-papo, tirando dúvidas e corrigindo apontamentos da professora no seu próprio texto ou nos textos de colegas.

Foram momentos preciosos, em que eles podiam exercitar a própria autoria e compreender o uso social real dos seus escritos, o alcance das suas ideias e a responsabilidade envolvida. Espontaneamente eles passaram a ajudar-se na correção ou a revisar os textos dos colegas das outras turmas.





Após a escrita, a professora fez comentários nos textos, usando a ferramenta que permite marcar o trecho comentado nos Documentos do Google, orientando a reescrita. Cada aluno reescreveu o seu e colaborou colegas na reescrita, seleção de imagens para ilustrar e confecção de um gráfico de pizza no Libre Office.

O primeiro número do Jornal SH de 2015 sairia em junho, ostentando em sua capa o “número 8” e “ano III”, os demais, o número 9 sairia em Julho/Agosto e o número 10 sairia em Outubro/2015.

5.3 Blog Central de Mídias SH

A criação de Blogs na escola, talvez tenha sido uma das primeiras formas de extrapolar para além dos muros as atividades da EMEF SÃO PEDRO.

Inicialmente, em 2010 foi criado um blog da EMEF São Pedro no sentido de divulgar, principalmente, atividades em conjunto com a comunidade.

No ano de 2014, especificamente, .

No ano de 2015, inicialmente, trabalhou-se com os alunos uma abordagem de escritas e reescritas coletivas para a primeira postagem do blog em 2015.

Com o uso de um telão ligado ao computador, na sala de multimeios, as turmas puderam, cada uma em seu dia de aula, acompanhar e comandar a edição do texto original escrito por duas colegas.

Vários aspectos da redação, como o uso de maiúsculas e minúsculas, pontuação, acentuação, adequação à norma culta, parágrafo, concordância, escolha vocabular foram discutidos, para definitivamente confeccionar os textos que ao longo dos meses eram postados no blog.

5.4 Rádio

A rádio escolar começaria a se delinear, a partir de 2012, com alunos criando vinhetas e registrando debates feitos nas aulas de Filosofia.

Neste mesmo ano, a sua proposta pedagógica se qualificaria, pois passaria ser realizada através do Programa Mais Educação e coordenada por Educomunicador, conforme a proposta defendida por CITELLI (2011), o Prof. J. que ampliaria suas ações iniciais.

Enquanto Oficineiro da Rádio o Prof. J. fazia parcerias interessantes com outras áreas de conhecimento na escola, como foi o caso com a Língua Portuguesa e Teatro, que através da realização da Peça Teatral, em 2012, sobre a vida de Ane Frank a Rádio SH Sonora foi um dos principais ‘personagens’ da história.

A rádio escolar fazia a cobertura de eventos da escola, festas, e fora dela, competições municipais, apresentações, campeonatos de robótica, sendo tudo registrados por alunos ao microfone e depois postados no blog da rádio.

O trabalho bem sucedido dos alunos foi recompensado com um convite para uma hora semanal da rádio comunitária do bairro, trabalho esse desenvolvido com grande afinco ao longo do ano de 2013.

No ano de 2014, visto problemas na renovação do Programa Mais Educação a rádio perderia seu Educomunicador, porém os integrantes da mesmas fariam algumas atividades esporádicas como a rádio pátio e a cobertura das eleições de 2014.





Ao retomar suas atividades no ano de 2015, o alunos começariam experienta-la por uma perspectiva mais literária, com a escolha de poemas e gravação para posterior audição e edição, fazendo surgir o programa “Agora um poema”.

5.5 E os alunos...

Em relação aos alunos os resultados são fascinantes, percebe-se que adquiriram maior desenvoltura, seja expressando ideias ou questionando, apresentaram maior iniciativa, autonomia, participação, demonstraram maior interesse nos estudos, mais aguçados quanto a criatividade e criticidade, inclusive para se expressarem seja por escrito e oralmente e uma convivência mais harmoniosa e solidária.

A partir de questões realizadas a eles, como “O que você aprendeu com a Central de Mídia?”, “A Central de Mídia é diferente da sala de aula? Por quê?” e “O que é Central de Mídia para você?”; é possível reconhecer os aspectos acima apontados, bem como a presença de elementos da aprendizagem educacional, como participação, interação, motivação, tecnologia, oralidade, escrita e leitura, em suas vivências pedagógicas. Vejamos, as seguintes ponderações⁷:

Aprendi a montar o jornal, abordar pessoas para entrevistas, filmar, enviar e compartilhar vídeos, escrever textos, organizar roteiros etc. Além de conviver mais com os colegas e professores. A Central de Mídia é tipo as células do corpo humano, somos todos diferentes mas sempre trabalhamos pelo mesmo objetivo. (Aluna L, Turma C20)

Percebe-se no entrevista que temos referências a habilidades, muitas vezes desejadas e cobradas em nossas aulas, relacionadas à tecnologia, como “montar o jornal”, “filmar, enviar e compartilhar vídeos”; à leitura / escrita a exemplo de “escrever textos” e “organizar roteiros” e à oralidade e ao traquejo social com “abordar pessoas para entrevistas”.

Em relação autonomia e liberdade na prática das atividades do Projeto o relato de duas alunas nos mostra uma maior liberdade nas tarefas do projeto, em relação às atividades tradicionais.

“A Central é diferente da sala de aula, aqui nós podemos usar os nossos celulares nós podemos sentar em cima das mesas, aqui nós nos sentimos tranquilos.” (Aluna B, TurmaC20). [...] gosto porque posso mexer no celular e ter mais liberdade.” (Aluna G, B30).

Ainda em relação a questão da autonomia e corroborando para a nossa tese que esta foi extremamente estimulada entre os alunos, a Aluna G, Turma B30, por exemplo, mesmo com dificuldades iniciais de uso do Gmail, tomou a iniciativa, mais do que a esperada para a sua idade e ano ciclo, de criar um grupo no Google para interagir com os colegas, em razão de não ter permissão de seus pais para acessar o Facebook em casa, apenas WhatsApp.

O e-mail foi outra ferramentas tecnológica que apareceu muito nos relatos, visto que muitos não costumavam a ter contato fora da escola.

⁷ Neste trabalho, alunos e professores citados nos textos foram identificados pela letra inicial de seus nomes, para manter o sigilo de seus dados.





“A primeira vez que eu entrei no gmail pelo computador foi no dia em que nós fomos organizar o jornal na Central. Porque eu só usava para ver os vídeos no YouTube.” (Aluna G, Turma B30).

O revezamento dos alunos nas atividades permitiu que cada membro das diferentes equipes desenvolvesse suas habilidades de escrita e de leitura, além de favorecer o domínio da linguagem e da operação técnica das TIC's e Mídias.

Isso fica claro nas entrevistas das Alunas L, Turma C20, e G, Turma B30, ao citarem o uso de diferentes programas como o “Audacity, Scribus, Google Drive, Google Docs e Movie Maker” como aprendizagens importantes na participação do Projeto Central de Mídia SH.

Em relação a estes últimos aspectos, registra-se que, realmente, o Projeto primou pela uso diverso de diferentes tecnologias e ferramentas de comunicação, principalmente, no que se refere ao uso de produtos “pluridirecionais” (CITELLI, 2011), ou seja, o uso de ferramentas de interatividade, como e-mails, redes sociais, sistemas de mensagens, que socializassem informações simultaneamente para várias pessoas, vários lugares, no mesmo momento, ampliando a gama de ‘participações’, assíncronas ou síncronas, e possibilidades de aprendizagens. O objetivo não foi ensinar o uso das diferentes tecnologias em si, e sim utilizá-las para criação coletiva de produtos educacionais.

Contudo, obviamente, que todo esse processo de aprendizagem de alunos e professor perpassou por alguns conflitos, principalmente devido a competição e do processo de auto-organização do grupo.

Além disso, alunos mais dependentes e com menos iniciativa, talvez acostumados a receberem instruções mais diretivas, tiveram dificuldades em várias etapas do projeto, como por exemplo, a não conseguir a ter seu material publicado, porque não puderam terminá-lo a tempo de fazer as edições previstas.

Toda educação individualista, marcada pela competitividade, não faz mais que classificar as pessoas, naturalizando e legitimando ecossistemas. Nesse sentido, a convivência saudável passa a ser, definitivamente, a grande meta do projeto educacional. (SOARES, 2012, p.38)

Porém, os possíveis problemas apontados acima, propositalmente, era delegado que os mesmos entre eles resolvessem seus impasses, certamente que quando necessário havia intervenção da professora. Essas situações conflituosas fariam com que ganhassem mais independência e, ainda, servem, conforme Kaplún, para gerar conhecimento por meio da resignificação.

A resignificação ao qual Kaplún se refere, se traduziu na melhoria das relações entre professora e alunos, e alunos/alunos, reduzindo os índices da violência verbal, bem como aumento na motivação à solidariedade na busca de metas comuns. Justamente o resultado que define a efetiva natureza educacional da experiência/convivência, segundo Soares (2012).

A construção de uma relação solidária, de afeto e de colaboração entre eles foi feita todo dia, em atividades que incentivaram o trabalho em grupo e a convivência, pois da educação tradicional eles traziam uma referência forte das tarefas escolares como passivas e repetitivas, pois é a experiência que, majoritariamente, a educação regular lhes oferece.

Definitivamente, a sala de aula não foi uma infundável narração de conteúdos, houve vida, busca, invenção, reinvenção na interação entre educandos-educadores e educadores-educandos (Freire, 2014).





6- Conclusão

Certamente o ensino por Projetos é uma forma de aprender que evita a fragmentação da divisão artificial em matérias, permitindo que se estabeleçam relações, gere oportunidades reflexivas e se organize coletivamente em torno de um objetivo (VASCONCELLOS, 2009).

Especificamente, no que se refere esse modelo de aprendizagem envolvido com as TIC's e Mídias, Belloni (2010) explica que deve haver uma mudança significativa do papel do professor, onde passa a ser consultor, mediador, facilitador interagindo com o aluno e não se limitando à transmissão unidirecional da informação.

Partindo das ideias de Vasconcellos (2009) e Belloni (2010), pode-se identificar vários elementos na metodologia aplicada no Projeto Central de Mídia SH.

A pedagogia representada pela Central de Mídia SH não precisa, necessariamente, constituir projetos fora de sala em turno inverso, visto que pode ser uma proposta planejada do currículo regular, sendo mais democrática, aberta e libertadora de ensinar.

Por outro lado, deve se ter a clareza e o bom senso que, ainda, todo um “novo” ecossistema comunicativo da escola vem sendo desenvolvido e modificado, agregando diferentes mecanismos de produção, diferentes mídias permitindo uma permeabilidade de circulação e recepção do conhecimento e da informação, respeitando as demandas dos alunos.

A construção desse novo 'ecossistema' requer, portanto, uma racionalidade estruturante: exige clareza conceitual, planejamento, acompanhamento e avaliação. No caso, demanda, sobretudo, uma pedagogia específica para sua própria disseminação: uma pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educacional, em condições de prever formação teórica e prática para que as novas gerações tenham condições não apenas de ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo dos recursos da comunicação e da informação. (SOARES, 2012, p.32)

Dentro deste contexto é inegável que a Central de Mídia SH proporcionou aos alunos a conquistar espaços para que a dialogicidade se ampliasse, onde cada um desenvolvesse conhecimentos a serem socializados em sala de aula e em seu cotidiano fora da escola, dentro das suas possibilidades, respeitando seus gostos, interesses e personalidade.

Qualquer recurso ou conteúdo que o aluno use ou aprenda, precisa ser para ele uma janela. Uma forma de ver o mundo, de compreender, de interagir. Para isso, há que se deixar olhar a vida, viver, observar; não encastelar atrás de uma janela fechada que não permite problematizar, questionar, assimilar, transformar.

Isso é um ponto interessante, pois reportando-nos ao cotidiano do ensino formal na sala de aula, entendemos ser o verbo **poder é um dos principais canais de mediação entre alunos e professores** para que as problematizações e transformações possivelmente aconteçam. **Todavia a dinâmica utilizada pelo** Projeto Central de Mídia SH no intuito de promover “abertura de janelas” para que o aluno pudesse ver “outro mundo”,





obrigatoriamente, passa por mudanças de condutas e usos de recursos presentes na cultura adolescente e que são rechaçados veemente em nossas práticas pedagógicas.

O obstáculo maior é, na verdade, a resistência às mudanças nos processos de relacionamento no interior de boa parte dos ambientes educativos, reforçada, por outro lado, pelo modelo disponível da comunicação vigente, que prioriza, de igual forma, a mesma perspectiva hegemonicamente verticalista na relação entre emissor e receptor. (SOARES, 2012 , p.32)

No caso do uso do celular, por exemplo, tão demonizado por nós professores, verifica-se que a proibição do uso em sala de aula é um obstáculo maior que a falta de equipamento. Contudo, através do Projeto ficou claro que o seu uso passa a ser mais que uma possibilidade para o sucesso do Projeto, se torna um componente valioso de aprendizagem e mediação entre alunos e professores, relação fundamental nas práticas educacionais.

Proibir pode ser apenas um desejo de controlar e automatizar o comportamento do aluno, desprezando a possibilidade de aprender a usar os recursos da ferramenta em conjunto, entendendo-a como um brinquedo proibido e que, paradoxalmente, irá despertar bem mais interesse que o conteúdo visto na aula tradicional.

Isso produz um sistema comunicativo rígido, que irá certamente sofrer a revolta por parte dos alunos, promovendo o que costumeiramente se define como indisciplina.

Se não se quer formar para a debilidade e docilidade de ovelha, como Freinet (1974) critica, há que se permitir os riscos. Se a pretensão é superar as desigualdades, libertar da opressão, não é impedindo a reflexão e promovendo o silêncio que se conseguirá. É pela palavra, pela busca e pela colaboração que chega à democracia, pela compreensão profunda de que somos todos diferentes e que todos temos algo a contribuir, assim como todos temos algo a aprender

Ser um professor educador na escola é usar a técnica em benefício do humano, do resgate da humanidade desses educandos que estão objetificados pela dinâmica escolar que os torna robôs copiadores, como já criticava FREINET (1974).

7 - Referências Bibliográficas

BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e Mídias no Brasil**. Cenários de Mudança. Campinas, SP: Papirus, 2010.

FREINET, C. **O Jornal Escolar**. São Paulo: Martins Fontes Lisboa: Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: implicações contemporâneas**. In: **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

JÚNIOR, J. C. F. **Por uma educação para além do Cidadão William Bonner**. 2013. 63f. Monografia (Especialização) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS.





PROFESSORA K.: depoimento [jun. 2013]. Entrevistador: J. C. F. Júnior: UFGRS, 2013. Entrevista concedida a trabalho de conclusão de Especialização.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ed. de la Torre, 1998.

MARTÍN-BARBERO. **Desafios culturais: da comunicação à educomunicação**. IN: Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. CITELI, Odair; COSTA, M. C. C. (organizadores). São Paulo: Paulinas, 2011.

NEPOMUCEMO, Fábio Rogério. **O Educomunicador depois de Kaplún**. In: IV ENCONTRO DE EDUCOMUNICAÇÃO, São Paulo, SP – 25 a 27 de outubro 2012.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Educação. **Ciclos de formação: proposta político-pedagógica da escola cidadã**. 3. ed. Porto Alegre, [1998]. (Cadernos pedagógicos, 9). Organização e produção textual de Silvio Rocha.

SOARES. I. O. **Educomunicação – O conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas. 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Projeto Político Pedagógico: Escola Municipal Ensino Fundamental Saint“ Hilaire**. Porto Alegre: SMED, 2010

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Currículo: a atividade humana como princípio educativo**. São Paulo: Libertad, 2009.

